

Maria Denilda Moura e a linguística brasileira a partir de Alagoas

Núbia Rabelo Bakker Faria
Jair Gomes de Farias

Introdução

Contribuir para o registro da história da Linguística no Brasil, falando de Maria Denilda Moura, é uma enorme responsabilidade. Mais do que homenagear uma pessoa querida e respeitada por nós, trata-se de registrar para as gerações futuras o seu papel na construção deste edifício intelectual que aprendemos a ter, como pedra fundamental, o admirável Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Esta tarefa nos foi confiada e, se a aceitamos, foi precisamente por acreditar que Denilda tem um lugar reservado nesta história que, para além dos “pais fundadores”, foi tecida por mãos femininas, como quer salientar a presente iniciativa editorial.

Mas, contar a história é, necessariamente, contar *uma* história, é escolher uma perspectiva. A nossa será a da *retrospecção individual* a partir da qual queremos, sim, destacar os “grandes feitos” – eles existem e precisam ser registrados –, mas sem evitar falar dos *efeitos* singulares que a vida e a atuação de Denilda exerceram sobre nós e sobre aqueles que conviveram com ela mais proximamente. Afinal, tivemos o privilégio de assistir à história da linguística brasileira acontecer na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) sob a “regência” de nossa querida professora e colega.

Como egressos do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), antigo Programa de Pós-Graduação em

Letras e Linguística, fundado por Denilda, nos beneficiamos da sua “audácia”, tornamo-nos professores doutores desta mesma universidade e, sobretudo, testemunhamos suas *muitas* batalhas travadas para criar espaço e garantir a existência e a sobrevivência do PPGLL. Em outras palavras, fazer germinar entre nós a produção e a divulgação da pesquisa linguística e literária de qualidade e com compromisso social, num ambiente “pouco à vontade” com o fato de ser uma alagoana determinada e destemida a fundar a primeira pós-graduação *stricto sensu* da Ufal ou, como bem disse Ataliba de Castilho (2020), a pôr em andamento “um programa assombroso, quando nos damos conta das dificuldades com que as universidades públicas presenteiam seus membros mais ativos” (p.4). Assistimos a isto também... Mas, concluir que nada abalava Denilda é precipitado. Embora determinada e destemida, tinha um coração imenso e um cuidado especial com os seus alunos e ex-alunos e sofria *muito* quando assistia às injustiças que tantas vezes ocorrem nessa arena que é a academia, na qual embates pouco nobres são travados em nome do poder e da hegemonia das ideias.

Uma história construída em torno do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL)

Começar nosso relato pela fundação do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Ufal é uma forma de estabelecer um eixo norteador, a partir do qual várias outras ações se articularam para montar o cenário que vai marcar a história da linguística no Nordeste e no Brasil. Num segundo momento, falaremos um pouco mais sobre o percurso de Denilda até chegar aqui, mas queremos partir do lugar em que ela deu testemunho de ser uma “visionária”, como dirá a seu respeito Castilho (2020) no texto intitulado “Maria Denilda Moura e a linguística brasileira”.

No final dos anos 80, elabora e submete ao Presidente do

Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE/UFAL o projeto de criação da Pós-Graduação em Letras na Ufal, aprovado em novembro de 1987 e tendo sua implantação autorizada em setembro do ano seguinte, com duas áreas de concentração: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. A primeira seleção ocorreu em janeiro de 1989. Desde sua implantação, Denilda respondeu pela coordenação do Mestrado em Letras. O primeiro colegiado é instituído em julho de 1990 e, em 1991, com a criação do cargo, é oficialmente designada como Coordenadora do Mestrado em Letras.

A respeito dessa fase inicial, afirma Castilho (2020):

Tive a honra de reportar à CAPES esse seu projeto, pois juntamente com José Arnone, representávamos junto à CAPES a área de Letras e Linguística naquela altura.

Antes de chegar a Maceió, fui prevenido pelo Prof. Wanderley Geraldi, da Unicamp, de que não iria conhecer uma pessoa comum. Ele já estava a par da energia e da percepção visionária dessa colega, e de sua determinação. (p.4)

Quem conhece os meandros da burocracia institucional sabe das muitas etapas intermediárias que precisam ser cumpridas até que os planos saiam do papel para se concretizarem: encontrar espaço físico, mobiliário e equipamentos adequados, ter à disposição servidores técnico-administrativos, montar uma biblioteca especializada, reunir professores qualificados para comporem o quadro docente. Uma importante iniciativa neste momento de implantação foi o convênio firmado entre a Unicamp, via Instituto da Linguagem (IEL), e a Ufal para apoiar a recém-criada pós-graduação. Foram muitos os colaboradores³⁵, não resta dúvida, mas

35 Em Moura (2009b), podemos ler a longa lista de pessoas da Ufal e de outras instituições que foram imprescindíveis para o sucesso da implantação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e a quem a autora agradece *nominalmente*. Os limites deste trabalho não nos permitem reproduzi-la aqui.

quem teve a oportunidade de conviver com Denilda, como tivemos, sabe que ela pedia e contava com a colaboração de todos os que se dispusessem a tal, mas saía na frente agindo, fazendo acontecer. Sua determinação era, de fato, incomum!

A lista das dissertações defendidas nesses anos iniciais da década de 1990 revela a grande quantidade de professores que, naquele momento, já atuavam no Curso de Letras e em outros cursos da universidade, e que se beneficiaram desse empreendimento, obtendo seus títulos de Mestre e, em seguida, de Doutor. A instalação do Doutorado em Letras e Linguística foi realizada em 1994. A lista das teses concluídas revela ainda outros muitos doutores formados pelo PPGLL que se tornaram, posteriormente, professores da Faculdade de Letras da Ufal, *campus* Maceió – dentre os quais estamos nós, autores deste relato – e seus demais *campi*, além de professores de muitas outras instituições de ensino superior, sobretudo no Nordeste. Voltaremos a mencionar este fato adiante. Até o término deste relato, o PPGLL contava com 414 mestres e 226 doutores formados – beneficiados pela iniciativa pioneira e corajosa de Denilda.

Outra iniciativa importante e estreitamente ligada ao PPGLL foi a criação da revista *Leitura* por Denilda, no ano de 1987. Inicialmente vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, em 1994 passou a pertencer ao PPGLL, ao qual está vinculada desde então. Em mais de 30 anos de história, “a *Leitura* não apenas colocou em circulação os estudos de pesquisadores de diferentes partes do Brasil e exterior, como também impulsionou a pesquisa local, veiculando e divulgando artigos científicos de mestrandos, doutorandos, egressos e docentes do Programa” (QUEIROZ; FARIA, 2019, p. 4).

Após 7 anos à frente do agora Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, em 1996 ocorre a primeira mudança de colegiado, e Denilda passa a ser vice-coordenadora para se dedicar

a outra tarefa desafiadora e igualmente visionária: presidir a Associação Brasileira de Linguística (Abralin).

Antes, porém, de avançarmos no tempo, precisamos voltar aos anos finais da década de 80 para falar da criação do PET Letras, outro empreendimento pioneiro que se vincula muito diretamente à criação do PPGLL.

A criação do Programa de Educação Tutorial (PET) Letras

Como nos relata a própria Denilda,

Na década de 70, com o aumento quantitativo dos cursos de pós-graduação no país, a CAPES percebeu que esse aumento quantitativo não havia a ele correlacionado ao aspecto qualitativo – foi então que o Prof. Cláudio Moura Castro, então presidente da CAPES, em 1979, criou o PET, inicialmente denominado Programa Especial de Treinamento. O Programa tinha inicialmente como um de seus objetivos a qualificação de alunos para a pós-graduação. (MOURA, 2013, p.17)

Percebendo a importância deste Programa para o sucesso da Pós-Graduação em Letras e Linguística, em vias de implantação, Denilda, uma vez mais, saiu na frente e elaborou, em 1987, um projeto para a implantação do PET Letras. Para os que a conheceram, esta decisão estratégica era prevista. Cumpridos os muitos trâmites burocráticos e vencidas as já esperadas “resistências”, em abril de 1988, começa a funcionar o *primeiro* grupo PET da Ufal. Durante 20 anos, Denilda conduziu o grupo e a sua longa permanência nesta função não foi sem motivo: a trajetória do PET Letras se mistura com a sua, e é certamente decisiva para o que chamamos de “história da linguística brasileira”.

Relatando os diferentes momentos do Programa, Denilda destaca 5 fases: *experimental*, de 1979 a 1985; *estágio de*

institucionalização, de 1986 a 1989; *expansão desordenada*, de 1990 a 1992; *consolidação*, de 1996 a 1998 e, finalmente, o que nomeia de fase de *Luta*, entre 1998 e 2004. O Programa, que havia sido tão importante para as ações de fortalecimento da pós-graduação do país e, muito particularmente da Ufal, é extinto em 1999, com diminuição no número de grupos: “[...] nessa fase, alguns Grupos da Ufal também sofreram redução de bolsistas, motivados pelos constantes períodos de atraso no pagamento das bolsas, ou do não pagamento total das bolsas”. (MOURA, 2013, p.19). O PET Letras, no entanto, devido ao empenho pessoal de Denilda e de seus sacrifícios, inclusive financeiros, foi o único da Ufal que manteve seus 12 bolsistas, mesmo na fase aguda da crise. A luta travada por ela e por muitos outros professores, através de ações da Comissão Executiva Nacional (Cenapet), mobilizou tutores, bolsistas e envolveu parlamentares de todas as regiões do país, inclusive com uma marcha a Brasília para pressionar o Ministério da Educação.

Jair Farias, bolsista do Grupo PET-Letras/Ufal nos anos iniciais (1998-2000) da fase de *Luta*, apresenta uma narrativa importante e decisiva para a continuidade dos Grupos PET no Brasil. Ele relata que àquela altura, quando houve um movimento político infatigável de tentar frear a continuidade dos grupos PET, o MEC financiou a vinda de uma comissão formada por professores estadunidenses, a fim de evidenciar a “ineficiência” e onerosidade do Programa. Todavia, a análise dessa comissão foi na contramão do que almejava o MEC pois, além de sinalizar para a continuidade e criação de novos grupos PET no Brasil, os professores estadunidenses registraram o desejo de implantar o modelo de Educação Tutorial também em universidades dos Estados Unidos. Em decorrência dos aspectos elencados, o MEC, agora responsável pelos grupos que foram subordinados à Secretaria de Educação Superior (SESu), volta atrás, e o Programa é recriado com novo nome mas mesma sigla: PET – Programa de Educação Tutorial.

O vínculo entre tutora e bolsistas, estabelecido em função do tipo de trabalho desenvolvido pelo PET Letras Ufal, justifica os relatos de egressos que recolhemos, assim como o tempo que Denilda dedicou a este grupo, não obstante suas inúmeras atividades acadêmicas.

Dos muitos trabalhos desenvolvidos, escolhemos destacar o projeto de extensão “Reflexão e Análise Linguística *versus* Produção Escrita no Ensino Fundamental” (RALPE), realizado entre os anos 2000 e 2002, que contou ainda com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Alagoas (Fapeal) e da Ufal. O projeto tinha por objetivo “viabilizar uma proposta teórico-metodológica alternativa para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa que possibilitasse ao aluno do ensino fundamental da rede pública estadual o domínio da expressão oral e escrita, em situação de uso público da linguagem” (MOURA, 2013, p. 21). A execução do projeto previa, num primeiro momento, sondagem junto a professores da rede pública da cidade de Maceió quanto aos assuntos que representavam maior dificuldade no cotidiano da sala de aula de língua portuguesa. Em seguida, eram realizadas oficinas, a princípio mensais e posteriormente quinzenais que, fundamentadas nas teorias linguísticas voltadas para o texto, a gramática e o discurso, tinham por objetivo instrumentalizar os professores para criar alternativas e inovar a sua ação pedagógica.

É importante destacar que o momento da implementação do RALPE aconteceu logo após a reformulação do Ensino Fundamental e Médio no Brasil, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases, em 1996, e regulamentada em 1998 pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. No que tange aos textos orientadores e descritores para o ensino de língua portuguesa, norteados por eixos que abarcam o entendimento de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, a interface entre diferentes perspectivas teóricas da Linguística presente nesses

textos representava um desafio, tanto para a equipe do RALPE, que precisou empreender uma transposição didática de conceitos teóricos e de sua aplicabilidade a questões de ensino de língua portuguesa, como para os professores de escolas públicas que já tinham uma longa trajetória de prática docente, porém sem nenhuma discussão e nenhuma proposta de intervenção para suas aulas de língua sobre aquilo que se apresentava como “novo”. Essa dificuldade na recepção de aplicabilidade de elementos da Linguística ao ensino de língua não era sem motivo. Moraes (2001), ao traçar um parâmetro psicossocial de professores que participaram da fase inicial do RALPE, enfatiza que 82% dos professores entrevistados eram do sexo feminino, 64% tinham entre 36 e 45 anos, 73% tinham Letras como formação universitária e 55% tinham mais de dez anos de ensino. Essas duas últimas porcentagens implicam considerar que, haja vista a disciplina Linguística ter sido amplamente inserida no ordenamento curricular dos cursos de Letras de grande parte das universidades do Nordeste, a partir da década de 80, a maioria dos professores que participaram dessa amostra, possivelmente não tiveram acesso às discussões ou informações básicas sobre as teorizações em Linguística em suas diferentes abordagens. Destacamos o alcance gigantesco deste projeto de extensão em dois aspectos: a relevante contribuição à sociedade pois, efetivamente, ultrapassou os muros da universidade, e a publicação de dois livros resultantes de atividades e de pesquisas desenvolvidas pela equipe RALPE - *Ler e escrever para quê?* (2000) e *Ler e escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo* (2002).

A oportunidade de viver a prática da tríade ensino, pesquisa e extensão marcou a formação de muitos bolsistas que, retornando à universidade para dar prosseguimento a seus estudos, o fizeram de um lugar diferente, isto é, conscientes do compromisso que a universidade tem para com a sociedade e, muito particularmente, com a educação básica.

A esse respeito, selecionamos o relato de Marcelo Sibaldo (2013), egresso do PET Letras e do PPGLL-Ufal. Concluído o seu doutorado na Ufal, em 2009, imediatamente prestou concurso para professor na Universidade Federal Rural de Pernambuco, ingressando na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) em janeiro de 2010, integrando o corpo docente do recém-criado curso de licenciatura em Letras. Neste mesmo ano, foi lançado um edital para a formação de novos grupos PET e Sibaldo submete uma proposta e se torna tutor do PET-Conexões de Saberes/Linguística, Letras e Artes/UAST/UFRPE. Em Serra Talhada, sertão pernambucano, terra de Lampião (!), distante 410 quilômetros de Recife, se depara com uma região cujo IDEB era de 3.7 e 3.4 para o ensino fundamental e médio, respectivamente, numa escala de 0 a 10. Como faz questão de destacar,

Diante desses resultados e com a experiência que o RALPE me proporcionou, pensei que a melhor forma de ajudar a aumentar esse índice seria desenvolvendo um projeto de extensão [...] semelhante ao RALPE, levando a universidade à comunidade popular, fazendo, assim, com que haja uma articulação entre a educação superior e a educação básica, pretendendo reduzir as desigualdades sociais encontradas na região do Pajeú. (SIBALDO, 2013, p. 374).

Dessa forma é gerado o que Sibaldo chama de “filho do RALPE”, batizado de ReLATE – Reflexões Linguísticas Aplicadas ao Texto na Educação Básica. Este projeto, nas palavras de seu idealizador, objetivou

[...] indicar a viabilização de uma proposta teórico-metodológica alternativa para o ensino-aprendizagem de LP, que possibilite ao aluno da educação básica da rede pública do estado de Pernambuco, o domínio da expressão oral e escrita, em situações de uso público da linguagem, exatamente como sugerem os PCN, procurando instrumentalizar o professor para criar e inovar, a partir de situações vivenciadas em sala

de aula, a sua prática pedagógica, fazendo com que os envolvidos nesse projeto reflitam sobre as novas tecnologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem de línguas e literatura e proponham, em conjunto, novas ações metodológicas para a realização de um ensino consciente, inovador, cooperativo e dialógico, levando em conta, sobretudo, o papel do docente nesse processo. (SIBALDO, 2013, p.375)

Outro relato surpreendente é o de Adeilson Pinheiro Sedrins (2013), também egresso do PET Letras e do PPGLL Ufal, na época professor da UFRPE, que nos revela que cinco alunos de Iniciação Científica, que continuaram no Mestrado e Doutorado sob a orientação de Denilda, e outros cinco egressos do PET Letras Ufal são professores da UFRPE (p. 402). Como ouvimos do então coordenador de área da Capes, prof. Dermeval da Hora, em novembro de 2017, num momento *crítico* pelo qual passava o PPGLL Ufal: “este Programa não pode acabar, ele é muito importante para o Nordeste, seus egressos criaram o curso de Letras de Serra Talhada!”. O professor se referia ao curso que Cláudia Roberta Tavares Silva, orientanda de Denilda desde a graduação, elaborou, implantou e coordenou na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, em 2008, desbravando uma região desconhecida³⁶. A ela se juntaram outros tantos que passaram pelo PET e pelo PPGLL, já referidos acima por Sedrins.

Mais uma vez, nós que escrevemos este relato nos vemos completamente implicados nesta história: Jair Farias, como fora apontado, é aluno egresso do PET, e Núbia Faria é tutora egressa, tendo substituído Denilda em novembro de 2010. Destes diferentes pontos de vista sob o mesmo cenário, nos unimos na convicção de ter sido a criação deste grupo fundamental para o sucesso do Programa de Pós-Graduação e por seus desdobramentos no âmbito

36 Esta ação fez parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) instituído pelo Governo Federal. A elaboração do projeto teve a colaboração do professor Jamesson Buarque de Souza. Após a aprovação do projeto em 2008, o curso teve sua implementação no primeiro semestre de 2009.

do ensino, da pesquisa e da extensão em Alagoas e no Nordeste.

Em 2013, o PET Letras completou 25 anos e a nova sala do grupo foi inaugurada, recebendo o nome de sua eterna tutora: *Sala de permanência Profa. Denilda Moura*. É assim que se faz e que se muda a história, é assim que, na confluência entre o Programa de Educação Tutorial, o Programa de Iniciação Científica, o Programa de Pós-Graduação, vemos semeado, entre seus doutores e futuros docentes, o compromisso com o retorno à sociedade daquilo que tivemos o privilégio (no sentido mais literal desta palavra) de usufruir nos bancos da academia. Essa ética, aliás, estava na alma de Denilda. No relato de Ataliba de Castilho (2020), ao qual já fizemos referência, no trecho em que trata da estadia de Denilda na França, para cursar seu mestrado e doutorado, recolhemos essa revelação:

Aconteceu aí um fato que talvez poucos conheçam: foi convidada para lecionar sintaxe na Grécia. Entretanto, como tinha sido financiada por agências brasileiras em seu mestrado e doutorado, argumentou que tinha um dever para com seu país de origem, que lhe pagara os estudos. Retornou ao Brasil, retornou à sua querida UFAL, dando um belo exemplo de ética profissional. (CASTILHO, 2020, p. 4)

A presidência da Associação Brasileira de Linguística (Abralin)

Como tivemos a oportunidade de relatar recentemente (cf. FARIA, 2018), em maio de 1996, Denilda deixa a coordenação do PPGLL para se dedicar integralmente à gestão da Abralin. Na Assembleia Geral da Associação, ocorrida durante a 47^a. Reunião Anual da SBPC realizada na UFMA, São Luiz, em julho de 1995, Denilda encabeçou a chapa que tinha Marisa Bernardes Pereira, como secretária, e Adair Pimentel Palácio, como tesoureira, concorrendo à presidência da Abralin para o biênio 1995-1997.

Ouvimos de Denilda, em mais de uma ocasião, que jamais teria se lançado em tamanha empreitada se não fosse o apoio incondicional e a sólida experiência da saudosa Adair Pimentel Palácio, então aposentada da UFPE, que generosamente prestou concurso na Ufal para fortalecer o nosso recém-criado Programa de Pós-Graduação, assumindo com toda a sua experiência e competência a área de Fonética e Fonologia e, neste momento, a tesouraria da Abralin.

Luiz Antônio Marcuschi, da UFPE, em sua conferência *Perspectiva da Pesquisa Linguística no Brasil*, durante a participação da Abralin na 48ª. Reunião Anual da SBPC, realizada na PUC-SP em julho de 1996, já sob a nova diretoria, traçando um perfil da área de Letras e Linguística na ocasião, afirmava haver 930 doutores e 6.000 mestres no país. Porém, alertava o professor,

esta massa crítica se concentra praticamente no Sudeste onde estão 70% de todos os recursos humanos mais qualificados de acordo com as estatísticas mais recentes. Na verdade, dos 415 Cursos de Graduação [total de cursos de Letras no país à época], é provável que não mais do que 20% deles dispõem de pelo menos um a um máximo de 30 doutores. Mais de 60% dos Cursos de Letras não têm um único doutor. Boa parte dos Cursos não têm nenhum Mestre e muitos deles têm docentes de outras áreas (por ex., Direito, Educação e História) (MARCUSCHI, 1996, p.17)

A situação do curso de Letras da Ufal refletia muito fielmente a situação do país, e a criação do PPGLL e do PET Letras, embora tenham sido fundamentais para a expressiva mudança do cenário, muito trabalho e estímulo ainda eram necessários, como a presença de pesquisadores de outras instituições de ensino superior do país e do exterior para ajudar na especialização do nosso corpo docente, assim como para formar novos pesquisadores na área. Apesar de desafiador, Denilda compreendia com clareza que trazer a Abralin para a Ufal mostrava-se fundamental para que o Nordeste,

em geral, e Alagoas, em especial, passassem a figurar de forma mais representativa no cenário nacional da pesquisa em Letras e Linguística.

Juntamente com a Diretoria e o Conselho, organiza a participação da Associação na 48ª. Reunião Anual da SBPC, acima referida. Foram muitos os linguistas presentes e as temáticas contempladas nas conferências, mesas-redondas e sessões coordenadas, com um destaque especial para a linguística e sua função social, com temas voltados para a sala de aula, ensino de línguas, alfabetização e variedades linguísticas, um enfoque coerente com o que vivenciava em sua prática docente³⁷.

O ano de 1996 foi ainda marcado por outro importante evento: a visita de Noam Chomsky à Ufal. Assistimos ao empenho de Denilda, em nome da Abralin, para aproveitar a primeira vinda de Chomsky ao Brasil, com financiamento do CNPq, para um circuito de conferências em que se alternariam temas linguísticos e políticos, durante as duas últimas semanas de novembro, com passagem pelo Rio de Janeiro (UFRJ), São Paulo (IEA/USP), Brasília (UnB) e Belém (Museu Goeldi). Após a recusa inicial de Chomsky de incluir Maceió na programação, considerando a extensão de seus compromissos, Denilda contorna a situação e, com delicada insistência, sugere ao eminente linguista vir a Maceió partindo de helicóptero de Recife, onde passaria dois dias sem compromissos oficiais; uma chance para conhecer a beleza desta parte do litoral nordestino e, caso concordasse, nos conceder uma entrevista informal. Atendendo a este pedido *pessoal*, Chomsky reconsidera a sua decisão e, no dia 3 de dezembro, esteve na Ufal para uma entrevista, na qual respondeu a questões voltadas à sua teoria linguística, autorizando ainda sua

37 A lista completa de participantes, cursos e trabalhos apresentados nos eventos aqui mencionados pode ser recuperada em Faria (2018).

gravação³⁸ e publicação posterior.

O auditório Nabuco Lopes, no prédio da Reitoria, estava repleto de linguistas e estudantes do Nordeste, sobretudo, que aproveitavam a chance de ver e ouvir frente a frente essa figura emblemática que, desde a década de 60, faz história na área da linguagem e na política.

Nesta ocasião, Denilda declara: “queremos dizer ao Prof. Chomsky que sua visita significa a realização de um sonho que alimentamos desde que assumimos a Presidência da Associação Brasileira de Linguística, atualmente com sede na Ufal” e aproveita para questioná-lo sobre o lugar que sua teoria reservava para as questões relativas *ao uso da língua* – embora, declaradamente adepta da Gramática Gerativa, o interesse de Denilda pelas questões do ensino e da variação linguística a colocavam diante dos impasses levantados pelos dados empíricos da língua falada:

As pesquisas sobre língua falada têm fornecido dados empíricos interessantes sobre o *uso da língua*. A proposta de Princípios e Parâmetros possibilita explicações satisfatórias para vários fenômenos decorrentes do *uso da língua*. Atualmente, como o Senhor vê a questão dos dados empíricos provenientes do *uso da língua*?” (MOURA, 1996, p. 1)

Em seguida, recorda dois momentos importantes que marcaram profundamente sua formação acadêmica:

Termos assistido, em abril de 1979, às Conferências de Pisa proferidas [...] na Scuola Normale Superiore de Pisa, na Itália, [...] publicadas em 1981, cujo texto é conhecido no Brasil como Teoria da Regência e Ligação, considerado um marco para a Gramática Gerativa.

O segundo fato situa-se, em janeiro de 1982, quando recebemos uma atenciosa carta do Prof. Chomsky que se dispunha a discutir

³⁸ O vídeo completo desta entrevista está disponível em: [Arquivo PET | pet-letras-ufal \(petletrasufal.com\)](http://Arquivo PET | pet-letras-ufal (petletrasufal.com))

conosco o nosso trabalho de investigação sobre o português. Na época, incentivada por Nicolas Ruwet e Richard Kayne que nos recomendaram ao Departamento de Linguística do MIT, pretendíamos passar um ano por lá, a fim de dar continuidade ao nosso projeto de investigação. Infelizmente, não pudemos concretizar nosso objetivo em função do nosso trabalho na Universidade. (MOURA, 1996, p. 1)

Há que se registrar ainda a generosidade com que Chomsky, não só se dispôs a vir a Maceió, depois de uma jornada estafante de compromissos, como não fez qualquer tipo de exigência. Durante mais de uma hora e meia de entrevista, colocou-se à disposição para responder às questões que lhe foram dirigidas. Depois do almoço com os entrevistadores (Adair Palácio, Mike Dillinger e Núbia Faria), a presidente da Abralin e o coordenador do PPGLL (José Nivaldo de Farias), voou de volta para Recife e escreveu posteriormente à Denilda agradecendo a oportunidade a ele concedida e, em nome de sua esposa, a bela toalha que ganhara de presente. Como não podia deixar de ser, a vista deslumbrante dos litorais pernambucano e alagoano, propiciada pela viagem de helicóptero disponibilizado pelo Governo do Estado de Alagoas para a ocasião, não passou despercebida nem foi esquecida.

Ainda a propósito desta memorável visita, podemos ler no relato feito por Denilda, por ocasião da celebração dos 40 anos da Abralin, que, considerando a grande importância da vinda ao Brasil desse ilustre linguista, surgiu a intenção de publicar o valioso material produzido.

Mantivemos contato com os editores da Revista DELTA sobre a possibilidade de organizar um Número Especial [...] reunindo a entrevista de Maceió e as conferências de Chomsky no Brasil. A concordância e o total apoio dos editores da Revista nos foi comunicado pela professora Leila Bárbara. (MOURA, 2009a, p.176).

Os professores envolvidos nesse circuito de conferências foram contatados, assim como o próprio Chomsky, que autorizou a publicação e revisou pessoalmente o texto da entrevista, dando origem ao número especial *Chomsky no Brasil*, edição bilingue, volume 13 da Revista DELTA de 1997, tendo a entrevista recebido o título de *Linguística Gerativa: Desenvolvimento e Perspectivas uma Entrevista com Noam Chomsky*.

O impacto da visita de um pesquisador dessa magnitude sobre alunos e colegas não foi pequeno. Ainda na publicação *Abralin 40 anos em cena*, Denilda elenca 15 pesquisas de pós-graduação, sob sua orientação, com base na Gramática Gerativa chomskyana. Outras tantas ainda vieram.

O ano de 1996 foi ainda intenso de providências para a realização do *XIII Instituto Brasileiro de Linguística (IBL)*, de 24 de fevereiro a 11 de março de 1997, e do *I Congresso Nacional da Abralin*, de 12 a 14 de março do mesmo ano. Eventos estes extraordinariamente importantes, tanto pela reunião de um time de peso de linguistas brasileiros e estrangeiros, quanto pela maciça adesão de profissionais e alunos de graduação e de pós-graduação de diversas partes do país. Durante inacreditáveis 19 dias, o Campus A.C. Simões da Ufal foi palco de discussão de novas ideias, juntamente com outras nem tão novas assim, mas que se renovavam com a celebração do encontro em terras alagoanas. Foram momentos inesquecíveis que serviram de inspiração a muitos que, como nós, tiveram o privilégio de testemunhar a história da linguística brasileira acontecendo.

A revitalização do Instituto de Linguística (o último havia sido realizado em 1993, na USP) foi amplamente aclamada como estratégia para minimizar a grande perda de professores qualificados e com experiência em pesquisa e pós-graduação que haviam se aposentado, sobretudo nas universidades federais. Ocorreram 14 cursos a nível de pós-graduação ministrados por um time de renomados especialistas do Brasil e do exterior. Retomava-se o

importante papel do Instituto, em termos de assegurar a atualização e o bom desenvolvimento de grupos de pesquisa já constituídos no país e de abrir novas áreas de investigação.

Os frutos da Abralin entre nós foram inegáveis. O PPGLL cresceu e formou um grande número de pesquisadores que hoje se espalham pelo país, sobretudo, pela região Nordeste, mudando significativamente as estatísticas do passado.

A criação do Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – ELFE

Como já enunciado neste relato, em torno do eixo norteador que foi a implantação do PPGLL, na década de 80, e da atuação de Denilda na coordenação desse Programa, várias ações corolárias, mas não menos importantes, foram desenvolvidas por ela na Ufal, contribuindo sobremaneira para a produção e divulgação científica, fazendo história na Linguística do Nordeste e do Brasil. Entusiasta do desenvolvimento de pesquisas que correlacionassem língua falada, língua escrita e ensino, Denilda organizou o I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino (ELFE), promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufal, através do Grupo de Pesquisa do Projeto Integrado “A Língua Usada em Alagoas (LUAL)”, no período de 14 a 18 de março de 1994, em Maceió.

Partindo da premissa de que a relação entre a língua falada e a língua escrita é muitas vezes colocada no centro dos problemas que focalizam a aprendizagem da leitura e da escrita, Denilda relata:

O Tema Central do Evento “Língua Falada e Ensino”, de grande pertinência para a pesquisa linguística no país, atingiu questões sobre Preconceito e Discriminação da fala das classes populares em oposição à fala culta das classes privilegiadas, e relação entre Língua Falada e

Ensino de Língua

Tendo como um de seus objetivos fazer com que a pesquisa realizada nas Universidades pudesse ser acessível ao Professor de 1º e 2º Graus, o Evento possibilitou a realização de cinco minicursos para esses professores, que compareceram em grande número. (MOURA, 1995, p.2)

Importante apontar, para além do acesso de professores do Ensino Fundamental e Médio ao Evento, que o I ELFE foi um sucesso, um espaço de intercâmbio de informação científica, possibilitando a interação entre mais de 400 pesquisadores e professores e um mapeamento de estudos realizados sobre língua falada nas mais diversas abordagens teórico-metodológicas da Linguística nas diferentes regiões do Brasil, como pode ser atestado nas cinco conferências, quatro mesas-redondas e quinze sessões coordenadas, perfazendo um total de 82 trabalhos apresentados e 75 publicados nos Anais do Evento.

Em um momento da nossa história no qual a Internet não era popular nem a educação mediada por tecnologias digitais, integrar as pesquisas era crucial. A respeito da falta de informação quanto ao desenvolvimento e divulgação de pesquisas sobre língua falada e escrita, Denilda interpela:

o que nós gostaríamos de levantar como um problema é que possivelmente vários outros estudos já foram realizados, ou estão sendo realizados, e seria muito importante que os vários grupos que trabalham sobre língua falada, não importando o quadro teórico-metodológico utilizado, pudessem estabelecer um intercâmbio de informações (...) Essa falta de informação ocorre mesmo sobre as teses defendidas, como não dispomos mais dos catálogos elaborados pela CAPES, o simples título da tese muitas vezes não dá uma indicação precisa da fonte dos dados analisados” (MOURA, 1995, p.56).

Nesse sentido, o I ELFE foi um marco e uma fonte de referência para o desenvolvimento de pesquisas sobre língua falada e língua escrita no país.

Com o sucesso da primeira edição do ELFE, principalmente pela adesão de muitos professores da educação básica, professores e pesquisadores universitários, estudantes de graduação e de pós-graduação, o ELFE se transformou numa marca, tendo outras edições em anos posteriores, colocando a Ufal e Maceió no circuito dos grandes eventos de linguística do país.

O II ELFE foi realizado em Maceió, no período de 20 a 24 de novembro de 1995, também promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufal, através do Grupo de Pesquisa do Projeto Integrado “A Língua Usada em Alagoas”. Contou com a adesão de mais de 500 participantes: professores, pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior. Foi constituído de 5 conferências, 18 mesas-redondas, 25 sessões coordenadas e 3 minicursos. 120 trabalhos foram publicados por meio de editoração eletrônica.

Comemorando os 10 anos de implantação da Pós-Graduação em Letras da Ufal, o III ELFE aconteceu no intervalo de 12 a 16 de abril de 1999, em Maceió. Abordando como tema recorrente do Evento a relação entre língua falada e língua escrita, o Encontro permitiu discutir os mais variados tópicos que refletem as áreas de interesse da pesquisa linguística no Brasil, dando destaque às muitas perspectivas de análise sobre língua falada, língua escrita e interfaces (aquisição, ensino, cognição, informática e mídia). “A participação do número significativo de pesquisadores de várias instituições, do Brasil e do exterior, confirma a importância desse Evento Temático” (MOURA, 1999, p.15). Nessa terceira edição do ELFE, mais de 300 trabalhos foram selecionados, organizados em 6 conferências, 18 mesas redondas, 28 sessões coordenadas, 10 minicursos e 53 trabalhos na sessão de pôsteres. 160 trabalhos foram publicados no livro “Os Múltiplos Usos da Língua”, organizado por

Denilda Moura em 1999.

O IV ELFE, promovido também em parceria com a Pós-Graduação, aconteceu no período de 25 a 29 de novembro de 2002, em Maceió. Nesse momento, o ELFE já se instância como um importante Fórum de Debates sobre pesquisas em língua falada e língua escrita no Brasil contribuindo, não apenas para a compreensão de inúmeros fenômenos linguísticos em vários gêneros textuais, como também apontando caminhos de sistematização na tentativa de explicar as inovações e as mudanças linguísticas, em processo ou já estáveis, pelas quais passa a língua. Nesta quarta edição do ELFE, quase 400 trabalhos foram selecionados, organizados em 5 conferências, 1 palestra, 13 mesas redondas, 15 sessões coordenadas, 11 minicursos e 122 trabalhos na sessão de pôsteres. 120 trabalhos foram publicados no livro “Oralidade e Escrita: estudos sobre os usos da língua”, organizado por Denilda Moura em 2003.

Acrescentamos ainda que os resultados advindos das pesquisas realizadas na área temática do ELFE enriqueceram a produção científica nacional e contribuíram, em larga escala, para a melhoria do ensino da língua, tanto na educação básica como em nível universitário. Moura (2002) destaca:

O número de livros publicados, de artigos em periódicos nacionais e internacionais, de dissertações de mestrado e teses de doutorado, os trabalhos de Iniciação Científica, a inclusão da Variação Linguística nos Parâmetros Curriculares Nacionais são alguns indicadores que podem comprovar a importância dessa área temática. (p. 9)

Já a quinta e última edição do Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita, organizado por Denilda³⁹, teve sede também em Maceió, no período de 20 a 24 de novembro de 2006. Promovido pelo PPGLL através do Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN),

39 Em 2012, aconteceu a VI edição do ELFE, sob organização da Direção da Faculdade de Letras- Fale/ Ufal. Nesse evento, Denilda foi homenageada.

o V ELFE se substanciou por congregar quase 600 inscritos, dentre eles: professores da educação básica, pesquisadores e estudantes de várias instituições nacionais e internacionais, possibilitando a discussão, não apenas sobre as pesquisas linguísticas, como também sobre as novas perspectivas de estudos na área de abrangência do Evento – A Língua Falada e a Língua Escrita. 450 trabalhos foram selecionados e organizados em 6 conferências, 13 mesas-redondas, 51 sessões coordenadas, 8 minicursos e 88 trabalhos apresentados na sessão de pôsteres. 140 trabalhos foram publicados no livro “Os Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita”, organizado por Denilda, no qual avalia: “O conjunto da obra reflete o avanço da produção científica dos pesquisadores brasileiros, através do significativo aporte de conhecimento e de experiências, vivenciado durante a realização do V ELFE” (MOURA, 2008, p.13).

Essa edição contou ainda com o II *Workshop* Romania Nova, da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), organizado pelos professores Mary Kato (UNICAMP) e Francisco Ordoñez (Suny Stony Brook).

Dúvida não nos resta de que cada edição do ELFE se consagrou em um evento excepcionalmente importante, não apenas pela presença recidiva de renomados pesquisadores nacionais e internacionais mas, sobretudo por ter sido espaço de socialização de conhecimentos entre seus participantes. Temos ciência de que muitos trabalhos de pesquisa surgiram, foram redirecionados ou encaminhados a partir dos debates realizados nas edições do ELFE. O ELFE estimulou ainda a relação dinâmica entre teoria e prática nos estudos sobre língua falada e língua escrita, incluindo língua de sinais, refletindo, dessa forma, o olhar plural em estudos e pesquisas sobre a linguagem.

Os efeitos do ELFE são inatacáveis. O PPGLL se fortaleceu, o intercâmbio e a cooperação técnico-científica entre a Pós-

Graduação e a Graduação consolidaram um grande número de estudantes fazendo Iniciação Científica, como evidenciado nas centenas de trabalhos apresentados nas sessões de pôsteres das edições do ELFE.

Voltando e avançando no tempo para melhor contar esta história

Nesta última parte de nosso relato, voltaremos no tempo para falar um pouco da história pessoal de Denilda que, necessariamente, se enreda com sua vida acadêmica à qual se dedicou com paixão até o momento em que dela se retirou.

Tentar esboçar um perfil biográfico de Denilda não é tarefa das mais fáceis, pois tendo sido ela possuidora de uma liderança científica e social indubitáveis, é abstruso apontar qual foi sua porção mais marcante. Séria, ativa, perspicaz, justa e equânime, Denilda tinha em essência uma humildade dificilmente encontrável na arena acadêmica. Como salientou Castilho (2020, p. 4) “Denilda sempre repartiu com os amigos os doces que foi identificando em sua carreira”.

Nasceu em Murici, Alagoas, em 04 de junho de 1941. Pouco tempo depois, em mais tenra idade, mudara-se com seus pais Rafael José Moura e Doralice da Silva Moura para Rio Largo, cidade na qual se estabeleceram. Quando adolescente nutria o desejo de ser arquiteta, porém o magistério tornou-se seu universo particular de atuação.

Graduou-se em Letras – Português/Francês pela Ufal, em 1964. Anos depois, ainda quando a Linguística no Brasil dava seus passos iniciais, fez uma Especialização em Linguística na UFBA, em 1971. Em seguida, fez seu curso de Mestrado na França, na Université de Besançon, cujo título de sua dissertação é “Les niveaux du langage

familier de l'étudiant français en 1972”, sob a orientação do Prof. Dr. Jean Peytard. A escolha por fazer essa pesquisa em Lexicologia se justificava pelo choque inicial que Denilda sentiu entre o francês *standard* (aprendido e ensinado entre nós como língua estrangeira) e os diferentes registros na fala (*langage familier*) de estudantes franceses.

Ainda na década de 60, iniciou no magistério lecionando, no Ensino Secundário de Escolas Públicas – Rio Largo e Maceió -, as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Francesa. Foi também professora de Francês da *Alliance Française* de Maceió e, em 1974, deu início a sua brilhante carreira no Ensino Universitário na Ufal.

Fez seu doutoramento, também na França (1977-1980), na Université de Paris VIII, e sua tese em sintaxe gerativa versa sobre “Les constructions impersonnelles en Portugais”, sob orientação de uma das maiores referências em gerativa: o Prof. Dr. Nicolas Ruwet. Nesse período, delineia-se seu campo mais profícuo e atuante no desenvolvimento de pesquisas científicas, numa vertente mais formalista ou mais sociologizante: a sintaxe. Ocupou-se de analisar as passivas impessoais e o comportamento do clítico “se” no português, relacionando-o à categoria vazia e ao sujeito nulo. Denilda nos contava que os estudos realizados até então sobre a temática de sua tese advogavam que o “se” das passivas impessoais seria um sujeito gramatical, todavia depois de ter participado, em abril de 1979, das Conferências de Pisa proferidas por Noam Chomsky na *Scuola Normale Superiore* de Pisa, na Itália, das quais resultou o texto *A Teoria da Regência e Ligação*, Denilda pôde, por fim, concluir sua tese com uma análise sofisticada na qual o “se” das passivas impessoais está coindexado (ligado) a uma posição de objeto, não podendo, portanto, ter comportamento de sujeito gramatical.

Durante seu curso de doutorado em Paris, Denilda recebeu muitas propostas tanto para atuação no magistério – já nos

referimos ao convite para lecionar sintaxe na Grécia –, como outras que se desvirtuavam dele. Numa dessas ocasiões, foi convidada por uma empresa brasileira de exportação de palmito (*coeur de palmier*) para auxiliar como tradutora e intérprete nas negociações. Obviamente, Denilda não foi apenas intérprete, mas conseguiu acordar as melhores negociações feitas pela empresa brasileira até então. Encantados com sua atuação executiva, a empresa quis contratá-la para ser sua representante na França, porém, como já pontuado neste relato, seu compromisso político-social e sua ética profissional deram o tom da escolha, e Denilda regressou para a sua querida Ufal.

De volta à Ufal, Denilda, na década de 80, era a única com formação em uma teoria gramatical formal, o que implica considerar a total falta de diálogo entre os pares na instituição. Nessa década, dedicou-se com muito afinco às questões administrativas, implantando a Pós-Graduação e o PET-Letras/Ufal, conforme explanado nesta narrativa.

Em 1991, tem seu Projeto de Pesquisa “A Língua Usada em Alagoas – LUAL” aprovado pelo CNPq. Este projeto estava apoiado em questões de trabalho como:

Será que a língua falada no Nordeste, e mais particularmente em Alagoas, é de fato diferente da língua falada em outras regiões do país? Em que aspectos ela é mais uma variante da norma culta (falada ou escrita)? Na sintaxe, na morfologia (por exemplo a questão semântico-lexical), ou em questões fonético-fonológicas (as questões, por exemplo, de entonação, de ritmo, de musicalidade da fala)? (MOURA, 1994, p. 50).

O projeto LUAL foi um dos pioneiros na descrição sociolinguística dos falantes de Alagoas, resultando: na formação de novos pesquisadores em Sociolinguística Quantitativa Laboviana;

na constituição de um Banco de Dados representativo de fenômenos de variação nos usos da língua; na análise quantitativa e qualitativa de fenômenos variáveis de uso social da língua; na análise de aspectos linguísticos resultantes do confronto entre língua falada e língua escrita, relevando o grau de conflito entre as duas modalidades e, por fim, na aplicabilidade dos resultados das pesquisas ao ensino.

Em decorrência de sua atuação e entusiasmo no desenvolvimento de pesquisas sobre língua falada, Denilda fez ainda dois Pós-Doutoramentos: um na University of Ottawa (1994), Canadá, tendo como interlocutora a Profª. Dra. Shana Poplack, e outro na École des Hautes Études em Sciences Sociales, França (1996). Ambos em Sociolinguística Variacionista.

É incontestável o fato de que a proliferação de Grupos de Pesquisa nas Universidades está diretamente relacionada à implementação dos Programas de Pós-Graduação no Nordeste. Hora et al. (2019, p. 59) afirmam que “... a grande revolução desencadeada pelos cursos de Pós-Graduação no Nordeste foi a criação de Grupos de Pesquisa e, como consequência, o grande número de trabalhos apresentados em Encontros nacionais e estrangeiros, publicados por pesquisadores nordestinos”. Seguindo essa tendência, Denilda expande seu Projeto LUAL para o Grupo de Pesquisa – PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), em 1992, ampliando a participação de novos pesquisadores em temas e teorias da Linguística além da Sociolinguística, tais como: Gramática Gerativa, Sintaxe Comparativa e Aquisição da Linguagem. O Grupo PRELIN⁴⁰, sob a liderança de Denilda, foi o primeiro não apenas na formação de pesquisadores como também na disseminação de estudos em Sintaxe Gerativa na Ufal, conforme relatam Sedrins

40 O Grupo PRELIN continua ativo, sendo liderado pelos professores Telma Magalhães e Jair Farias.

et al. (2019, p. 278)⁴¹:

Denilda Moura foi pioneira na orientação de teses de doutorado e dissertações de mestrado na perspectiva da GG, bem como no desenvolvimento dos primeiros projetos de pesquisa nessa área, e pela implementação do Grupo de Pesquisa PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), que tem formado, ao longo dos seus vinte e oito anos de existência (1992 - atual), pesquisadores nos níveis de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Como uma pesquisadora também preocupada com a contribuição social, Denilda integra, em 2008, o *Projeto O Conhecimento Linguístico e Sociocultural da Comunidade Quilombola Muquém – União dos Palmares - Alagoas*, como equipe filiada ao Projeto maior “Para a História do Português Brasileiro” (PHPB), coordenado pelo reconhecido linguista Ataliba Teixeira de Castilho. Moura (2009c, p. 17) apresenta:

O Projeto se propõe a conhecer e documentar a comunidade quilombola Muquém, localizada na zona rural de União dos Palmares, visando investigar as origens e características socioculturais de um povo apontado e reconhecido como descendente dos palmarinos, antigos habitantes do quilombo dos palmares, a quem sua história foi negada. Esse Projeto está integrado ao Projeto Nacional “Para a História do Português Brasileiro” (PHPB), coordenado nacionalmente pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho - UNICAMP/USP. Em Alagoas, a investigação sobre a comunidade Quilombola se propõe a investigar algumas possíveis influências no léxico, em construções gramaticais, arcaísmos, e outros (...).

Mediante esse perfil irrestrito de Denilda, gostaríamos de destacar o efeito multiplicador de seu pioneirismo e protagonismo

41 Sugerimos a leitura do texto aqui referido “A Gramática Gerativa no Nordeste”, escrito pelos ex-orientandos de Denilda: Adeilson Sedrins, Dorothy Brito e Danniell Carvalho, cuja publicação faz parte da antologia *Cartografia GelNE: 20 anos de Pesquisas em Linguística e Literatura*, organizada por Cléber Ataíde et al. (2019).

na formação de professores-pesquisadores que integram o corpo docente de várias universidades do país: Conceição de Maria de Araújo Ramos – tese defendida em 1999 – UFMA, Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante – tese defendida em 2001 – Ufal, Luiz Gonzaga Duarte de Amorim – tese defendida em 2001 (atuou na Ufal e faleceu em 2009), Núbia Rabelo Bakker Faria – tese defendida em 2001 – Ufal, José de Ribamar Mendes Bezerra – tese defendida em 2002 – UFMA, Cláudia Roberta Tavares Silva – tese defendida em 2004 – UFRPE, Jair Gomes de Farias – tese defendida em 2005 – Ufal, Marilúcia Barros da Silva – tese defendida em 2007 – UFPA, Dannel da Silva Carvalho – tese defendida em 2008 – UFBA, Mirian Santos de Cerqueira – tese defendida em 2008 – UFG, Marcelo de Amorim Sibaldo – tese defendida em 2009 – UFPE, Adeilson Pinheiro Sedrins – tese defendida em 2009 – Ufape, Dorothy Bezerra de Brito – tese defendida em 2009 – UFRPE - Uast, José Sérgio Amâncio de Moura – tese defendida em 2010 – Unilab, Maria Edna Porangaba do Nascimento – tese defendida em 2010 – Uneal, Rafael Bezerra de Lima – tese defendida em 2010 – Ufape e Renata Livia de Araújo Santos – tese defendida em 2013 – UFRPE/UAST .

Denilda teve uma participação ativa e contínua, ocupando cargos administrativos na Ufal, e exercendo várias funções em entidades representativas da área das Letras. Na Ufal, foi Coordenadora do Núcleo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão da PROPLAN (1981-1984), Chefe de Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (1985-1987), Coordenadora da Pós-Graduação em Letras – atualmente Literatura e Linguística (1989-1996), coordenadora de projetos, orientadora de teses, dissertações e monografias, dentre outras atividades. Em entidades representativas da área, Denilda foi Presidente da Abralín (1995-1997), Conselheira da Abralín (1997-2001), Representante da Associação Internacional de Linguística Portuguesa no Brasil (2000-2004), Consultora e Conselheira Capes e CNPq (1991-2013), Diretora Científica da Fundação de Amparo

à Pesquisa no Estado e Alagoas – Fapeal (1997-2001), Presidente do Gelne (2006-2008), Conselheira da Anpoll (2008-2010), Coordenadora do GT de Teoria da Gramática – Anpoll (2010-2012), Membro Editorial das Revistas Linguagem e Delta e Titular da Comissão de Avaliação do Curso de Letras – MEC (2002-2013).

Gostaríamos de mencionar também as muitas homenagens e menções honrosas que Denilda recebeu, dentre elas: a Medalha de Mérito Universitário (2006), pela comemoração dos 45 anos UFAL em reconhecimento aos servidores que fizeram história nessa universidade; Homenagem do PPGLL, nos seus 20 anos de implantação, à Denilda pelo pioneirismo e protagonismo à frente da Pós-Graduação; Comenda do Mérito Fapeal (2010), em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Fapeal e pela contribuição ao desenvolvimento da Ciência e Tecnologia no Estado de Alagoas; Homenagem pela passagem do 25º aniversário do PET Letras da Ufal (2013), ocasião em que foi inaugurada a nova sala do grupo, recebendo o nome de sua eterna tutora: *Sala de permanência Profa. Denilda Moura*; publicação do livro “Por amor à linguística”, em 2013, e do número especial da revista Leitura, n. 59, em 2017, ambos em sua homenagem. Em 2018, o Bloco de Sala de Aulas da Faculdade de Letras também recebeu o nome de Denilda Moura, sendo escolhido em eleição aberta à comunidade universitária. Mais recentemente, o livro “A língua em foco no Nordeste brasileiro: d’além das capitais”, em 2021, foi dedicado à Denilda (*in memoriam*), por seu legado deixado à Linguística Contemporânea no Brasil, em especial, no Nordeste.

Conclusão

Como afirmamos na Introdução, nos propusemos a destacar

os “grandes feitos” de Denilda sem, contudo, evitar falar dos *efeitos* singulares que sua vida e atuação exerceram sobre nós e sobre aqueles que conviveram com ela mais proximamente. Denilda foi muito mais do que uma professora, pesquisadora, orientadora ou colega, Denilda assumia compromisso com o *outro* e isso se refletiu em toda sua carreira de vida, evidenciado nos bons frutos que ela colheu em sua consistente e profícua atuação como docente da Ufal.

Em 2020, ano que estará marcado na história da humanidade pela dor causada por uma terrível pandemia, Denilda nos deixou. Ficamos todos ainda mais enlutados pela impossibilidade de prestarmos a ela uma última e merecida homenagem. Sua partida foi discreta, silenciosa, do jeito que ela teria preferido mas, para nós, herdeiros de sua energia incomum, ficou um grande vazio que buscamos preencher com o resgate destas memórias cheias de saudades, gratidão e orgulho: assistimos à história da linguística brasileira acontecer em terras alagoanas conduzida pelas mãos de uma mulher admirável!

Produção acadêmica

Por sua imensurável contribuição à História da Linguística no Brasil e no Nordeste relacionamos, a seguir, como produto de seu irrestrito trabalho, um conjunto de publicações em revistas especializadas, livros organizados e capítulos de livros que constituem mais um feito inolvidável de sua atuação.

- **Artigos completos publicados em periódicos**

MOURA, M. D. Sintaxe das línguas particulares e sintaxe comparativa. *Leitura*, Maceió, v. 1, p. 110-121, 2011.

MOURA, M. D.; NAVES, R. R.; SALLES, H.M.L.; LOPES, R.E.V.; CANÇADO, M.; FOLTRAN, M. J.; SILVA, M.C.F.; FONSECA, H.D.C. . Teoria da Gramática: tendências e perspectivas. **Revista da ANPOLL** (Impresso), v. 29, p. 119-168, 2010.

MOURA, M. D. Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas. Revisado e atualizado. **Leitura**, Maceió, v. 43/44, p. 163-190, 2009.

MOURA, M. D.. VINTE ANOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA DA UFAL. **Leitura**, Maceió, v. 43/44, p. 7-52, 2009.

MOURA, M. D. A predicação copulativa em PB e em Espanhol. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 2, p. 67-76, 2007.

MOURA, M. D. Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas. **Leitura**, Maceió, v. 33, p. 87-110, 2006.

MOURA, M. D.; SILVA, C. T. Apresentação de Número Temático. **Leitura**, Maceió, v. 33, p. 11-16, 2006.

MOURA, M. D.; SILVA, C. T. Organização de Número temático. **Leitura**, Maceió, v. 33, p. 1-202, 2006.

MOURA, M. D. SINTAXE. **Leitura**, Maceió, v. 25, p. 67-88, 2002.

MOURA, M. D. O caráter variável da regra de concordância no Português do Brasil. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n.21, p. 78-84, 2001.

MOURA, M. D. A concordância verbal na língua falada em português brasileiro e em francês contemporâneo. **Revista FAEEBA**, Salvador,

v. 15, n.10, p. 69-74, 2001.

MOURA, M. D.; PALACIO, A. P. Ataliba Teixeira de Castilho: o Homem, o Professor e o Linguista. **DELTA**, São Paulo, v. 14, p. 1-14, 1998.

MOURA, M. D. Aproximações entre a fala e a escrita. **Leitura**, Maceió, v. 20, p. 87-94, 1997.

LEMLE, M.; MOURA, M. D.; BARBARA, L. Apresentação / Presentation. **DELTA**, São Paulo, v. 13, p. i-iv, 1997.

MOURA, M. D. A dimensão linguístico-social da alfabetização. **Boletim da ABRALIN**, Maceió, v. 19, p. 197-203, 1996.

MOURA, M. D. A fala e a escrita na sala de aula - uma questão para a lingüística e para o ensino de língua. **Boletim da ABRALIN**, Maceió, v. 18, p. 73-76, 1996.

MOURA, M. D. Diversidade linguística e preconceito social. **Boletim da ABRALIN**, Curitiba, v. 17, p. 49-51, 1995.

MOURA, M. D. Oficina da aprendizagem: o ensino de língua nas séries iniciais do 1. grau. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n.11, p. 66-73, 1994.

MOURA, M. D. O ensino de língua e a norma linguística. **Leitura**, Maceió, v. 07/08, p. 40-45, 1992.

MOURA, M. D. O ensino de língua nas series iniciais do 1º grau. **Leitura**, Maceió, v. 07/08, p. 30-39, 1992.

MOURA, M. D. La grammaire de la langue utilisée par des enfants de 7 a 10 ans. **Les Actes du XVI Colloque international de linguistique fonctionnelle**, p. 49-51, 1989.

MOURA, M. D. Sociologia da Linguagem/Sociolinguística e ensino do português. **Leitura**, Maceió, v. 04, p. 65-69, 1988.

MOURA, M. D. O processo de alfabetização. **Leitura**, Maceió, v. 03, p. 134-136, 1988.

MOURA, M. D. O infinitivo pessoal e as estruturas a controle. **Leitura**, Maceió, v. 02, p. 7-14, 1987.

MOURA, M. D. O ensino/aprendizagem da língua portuguesa nos três graus de ensino. **Leitura**, Maceió, v. 01, p. 56-63, 1987.

MOURA, M. D. O clítico **se** em português. **Revista Scientia ad Sapientiam**, v. 08, p. 11-17, 1981.

- **Livros publicados/organizados ou edições**

MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A. **Estudos e Pesquisas em Teoria da Gramática**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 2013. v. 200. 372p.

MOURA, M. D.; SEDRINS, A. (Org.); SIBALDO, M. A. (Org.) **Novos Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2010. v. 1. 674p.

MOURA, M. D. **Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz**. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2009. v. 1. 175p.

MOURA, M. D. **Pós-Graduação em Letras e Linguística: 20 anos na formação de mestres e doutores.** 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2009. v. 1. 53p.

MOURA, M. D. **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2008. v. 1. 578p.

MOURA, M. D.; PAULA, A. S.; LOPES, A. A.; OLIVEIRA, F.; SEDRINS, A.; LIMA, R. B.; ALBUQUERQUE, E. C. M. de M. (Org.). **XXII Jornada Nacional de Estudos Linguísticos - Livro de Resumos e Programação.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2008. v. 1. 277p.

MOURA, M. D. **Leitura e escrita: a competência comunicativa.** 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2007. v. 1. 158p.

MOURA, M. D. **As linguagens da cultura nordestina.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2007. v. 1. 85p.

SOARES, M.C.F; MOURA, M. D. (Org.). **Programa de Educação Tutorial (PET) em perspectiva: o olhar dos tutores.** 1ª. ed. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2007. v. 1. 136p.

MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A.; SEDRINS, A. (Org.). **III Encontro de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino - Programação e Resumos.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2007. v. 1. 111p.

MOURA, M. D.; SEDRINS, A.; PINHEIRO, C. L.; FARIAS, J.; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. (Org.). **V Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita - Programação e Resumos.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2006. v. 1. 231p.

MOURA, M. D.; FARIAS, J. (Org.) **Reflexões sobre a sintaxe do**

Português. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2005. v. 1. 283p.

MOURA, M. D. **Oralidade e escrita:** estudos sobre os usos da língua. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2003. v. 1. 523p

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e escrever:** rumo à compreensão e à interação com o mundo. 1. ed. Maceió: Edufal, 2002. v. 1. 124p.

MOURA, M. D. **Ler e escrever para quê?** 2. ed. rev. ampl. Maceió: Edufal, 2001. 72p.

MOURA, M. D. **Língua e ensino:** dimensões heterogêneas. 1. ed. Maceió: Edufal, 2000. 142p.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e escrever para quê?** 1. ed. Maceió: Edufal, 2000. 70p.

MOURA, M. D. **Os múltiplos usos da língua.** 1a.. ed. Maceió: Edufal, 1999. 654p.

MOURA, M. D. **Variação e ensino.** 1a. ed. Maceió: Edufal, 1997. v. 1. 140p.

MOURA, M. D. **Contribuição de Mário Marroquim à pesquisa sociolingüística no Brasil.** 1a.. ed. Maceió: Edufal, 1997. v. 1. 64p.

MOURA, M. D. **Anais do II Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita - II ELFE.** 1. ed. Maceió: Editoração eletrônica, 1996. v. 1. 394p.

MOURA, M. D. **A Literatura de Cordel.** Maceió: SERGASA/

Secretaria de Cultura, 1986. 09p.

MOURA, M. D. **O poeta e o xilógrafo Eneas Tavares dos Santos**. Maceió: Edufal, 1983. 83p.

- **Capítulos de livros publicados**

MOURA, M. D.; SILVA, C. T.; CERQUEIRA, M. S. Entendendo a concordância sob o viés minimalista. In: FERRARI NETO, J.; SILVA, C. R. T. (Org.). **Programa Minimalista em foco: princípios e debates**. 1ªed. Curitiba: CRV, 2012.

MOURA, M. D. Casos de concordância do Português Brasileiro. In: AGUILERA, V. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro - Volume VII: vozes, veredas, voragens**. 1ªed. Londrina: EDUEL, 2009, v. II. p. 438-466.

MOURA, M. D. Contribuição da ABRALIN à área de Linguística. In: DA HORA, D.; ALVES, E. F.; ESPÍNDOLA, L. C.. (Org.). **Abralin: 40 anos em cena**. 1ªed. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p. 205-214.

MOURA, M. D.; SANTOS, D. N. dos. Desvendando os caminhos de Muquém. In: MOURA, Denilda (Org.). **Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz**. 1ªed. Maceió: Edufal, 2009. p. 27-36.

MOURA, M. D. A multifuncionalidade da cópula. In: _____. (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. 1ed. Maceió: Edufal, 2008. p. 415-418.

MOURA, M. D. Apresentação. In: MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4ªed. Maceió: Edufal, 2008. p. 7-12.

MOURA, M. D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: _____. (Org.). **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. 1ed. Maceió: Edufal, 2007. p. 11-26.

MOURA, M. D. Depoimento de Tutor. In: SOARES, M. C. F. e MOURA, M. D. (Org.). **O Programa de Educação Tutorial (PET) em perspectiva: o olhar dos tutores**. 1ªed. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2007. p. 74-81.

MOURA, M. D. Variação em sintaxe. In: MOURA, D.; FARIAS, J. (Org.). **Reflexões sobre a sintaxe do Português**. 1ªed. Maceió: Edufal, 2005. p. 47-71.

MOURA, M. D. Usos da língua e ensino. In: _____. (Org.). **Oralidade e escrita: estudos sobre os usos da língua**. 1ªed. Maceió: Edufal, 2003. p. 50-53.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. Gramática(s) da língua vs. ensino da língua portuguesa. In: _____; _____. (Org.). **Ler e escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo**. 1ed. Maceió: Edufal, 2002. p. 01-14.

MOURA, M. D.; MORAIS, Gizelda. Variação lingüística e ensino. In: _____; _____. (Org.). **Ler e escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo**. 1ed. Maceió: Edufal, 2002. p. 15-22.

MOURA, M. D. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de Português. In: MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.). **Ler e escrever**

para quê? 2ªed. Maceió: Edufal, 2001. p. 13-20.

MOURA, M. D. Lingüística e ensino de Língua Portuguesa. In: URBANO, H.; DIAS, A. R. F.; LEITE, M. Q.; SILVA, L. A. da; GALEMBECK, P. de T. (Org.). **Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino.** 1ªed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 333-344.

MOURA, M. D.. Literatura de cordel. In: PEDROSA, T. de M. (Org.). **Arte popular de Alagoas.** 1ed. Maceió: Grafitex, 2000. p. 89-93.

MOURA, M. D. Os PCNs e o ensino do português. In: MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.). **Ler e escrever para quê?** 1ed. Maceió: Edufal, 2000. p. 11-18.

MOURA, M. D. Língua e Ensino: a importância da teoria da variação lingüística. In: _____. (Org.). **Língua e ensino: dimensões heterogêneas.** 1ed. Maceió: Edufal, 2000. p. 125-132.

MOURA, M. D. Língua Falada e Ensino. In: _____. (Org.). **Os múltiplos usos da língua.** 1ª.ed. Maceió: Edufal, 1999. p. 61-64.

MOURA, M. D. Contribuição de Mário Marroquim à pesquisa sociolinguística no Brasil. In: _____. (Org.). **Contribuição de Mário Marroquim à pesquisa sociolinguística no Brasil.** Maceio: Edufal, 1997. p. 25-34.

MOURA, M. D. Variação e Ensino. In: _____. (Org.). **Variação e ensino.** 1a.ed. Maceió: Edufal, 1997. p. 9-28.

MOURA, M. D. O ensino de língua: diversidade linguística x diversidade de textos. **O que quer, o que pode esta língua.**

Araraquara, SP: Jornal Macunaíma, 1997. p. 39-44.

Publicações em homenagem a Denilda Moura

CASTILHO, A. de. Maria Denilda Moura e a linguística brasileira. **Leitura**, Maceió, n. 65, p. 3-9, maio/ago. 2020.

FARIA, N. R. B. A Abralín na Ufal entre 1995 e 1997. In: OLIVEIRA JR, M. (Org.) **50 anos da Abralín: memórias e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes, 2018.

FARIAS, J. G. Homenagem à Professora Doutora Maria Denilda Moura. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura**. Maceió: Edufal, 2012.

LEITURA. **Dossiê temático em homenagem a Maria Denilda Moura**, 2017. Organizadores: Adeilson Pinheiro Sedrins, Claudia Roberta Tavares Silva, Jair Gomes de Farias, Telma Moreira Vianna Magalhães. Maceió, n.59. Número especial.

NUNES, C. B.; SILVA, C. R. T. (Org.). **A língua em foco no nordeste brasileiro: d'além das capitais**. 1. ed. São Paulo: Pontes, 2021. 508p.

SEDRINS, A. P. Homenagem à Professora Denilda Moura no Simpósio Internacional do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos**

linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística**: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

SILVA, C. R. T. III Fórum Linguístico Literário da UFRPE – UAST: homenagem à Professora Denilda. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística**: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

Referências

CASTILHO, A. de. Maria Denilda Moura e a linguística brasileira. **Leitura**, Maceió, n. 65, p. 3-9, maio/ago. 2020.

CHOMSKY na Ufal: entrevista concedida por Noam Chomsky na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), em 03 de dezembro de 1996, a convite da Presidente da Associação Brasileira de Linguística Profa. Dra. Maria Denilda Moura. Vídeo (duração de 1h38m46s), colorido. Áudio em língua portuguesa e língua inglesa sem legenda. Disponível em: [Arquivo PET | pet-letras-ufal \(petletrasufal.com\)](http://pet-letras-ufal.com).

D.E.L.T.A: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. **Chomsky no Brasil**. São Paulo: EDUC, v.13, 1997. No. especial. Edição Bilingüe.

FARIA, N. R. B. A Abralin na Ufal entre 1995 e 1997. In: OLIVEIRA JR, M. (Org.) **50 anos da Abralin**: memórias e perspectivas. Campinas, SP: Pontes, 2018.

FARIAS, J. G. Homenagem à Professora Doutora Maria Denilda Moura. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística**: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

HORA, D.; ARAGÃO, M.S.S; SILVA, A.P. Panorama do estudos fonético-fonológicos e lexicais no Nordeste: uma abordagem na interface sociolinguística e dialetologia.

In: ATAÍDE, C. et al. (Org.) **Cartografia GeINE: 20 anos de Pesquisa em Linguística e Literatura**. São Paulo: Pontes, v.1., 2019.

MARCUSCHI, L. A. Perspectivas da pesquisa linguística no Brasil. **Boletim da ABRALIN**, Maceió, v.19, p. 15-25, 1996.

MORAIS, G. Parâmetros psicossociais. In: MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e escrever para quê?** 1.ed. Maceió: Edufal, 2000. p.21-31.

MOURA, M. D. **Anais do I Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita - I ELFE**. 1. ed. Maceió: Edufal, 1995. v. 1.

MOURA, M. D. **Apresentação da entrevista “Chomsky na Ufal”**. Mimeo, Maceió, 1996.

MOURA, M. D. **III Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – III ELFE**. Livro de Resumos. 1. ed. Maceió: Edufal, 1999a.

MOURA, M. D. **Os Múltiplos Usos da Língua**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 1999b. v. 1. 654p.

MOURA, M. D. **IV Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – III ELFE**. Livro de Resumos. 1. ed. Maceió: Edufal, 2002b.

MOURA, M. D. **Oralidade e Escrita: estudos sobre os usos da língua**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 2003. v. 1. 523p.

MOURA, M. D. **Os Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 2008. v. 1. 578p.

MOURA, M. D. Contribuição da ABRALIN à área de Linguística. In: DA HORA, D. e outros (Org.). **ABRALIN: 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009a.

MOURA, M. D. **Pós-graduação em letras e linguística: 20 anos na formação de mestres e doutores**. Maceió: Edufal, 2009b.

MOURA, M. D. **Resquícios de Palmares**. O que uma comunidade quilombola nos diz. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2009c. v. 1. 175p.

MOURA, M. D. 25 anos do PET/Letras-Ufal. In: SOUZA, D. dos; FARIA, N. R. B.; VERÇOSA, V. M. (Orgs). **Caleidoscópio através das letras**. Maceió: Edufal, 2013.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e Escrever para Quê?** 1. ed. Maceió: Edufal, 2000. v. 1. 70p.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e Escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo**. 1. ed. Maceió: Edufal, 2002. v. 1. 124p.

MOURA, M. D.; SEDRINS, A. (Org.); PINHEIRO, C. L. (Org.); FARIAS, J. (Org.); SIBALDO, M. A. (Org.); LIMA, R. B. (Org.). **V Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – V ELFE- Programação e Resumos**. 1. ed. Maceió: Edufal, 2006.

QUEIROZ, J. F.; FARIA, N. R. B. 30 anos de PPGLL e os rumos da Leitura. **Leitura**, Maceió, n. 63, jul./dez. 2019, p. 4-6.

SEDRINS, A. P. Homenagem à Professora Denilda Moura no Simpósio Internacional do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura**. Maceió: Edufal, 2012.

SEDRINS, A.P.; BRITO, D.B.; CARVALHO, D.S. A Gramática Gerativa no Nordeste. In: ATAÍDE, C. et al. (Org.) **Cartografia GeINE: 20 anos de Pesquisa em Linguística e Literatura**. São Paulo: Pontes, v. 1, 2019.

SIBALDO, M. A. Ensino de línguas na Educação Básica e na Educação Superior: o efeito multiplicador do PET. In: SOUZA, D. dos; FARIA, N. R. B.; VERÇOSA, V. M. (Orgs). **Caleidoscópio através das letras**. Maceió: Edufal, 2013.

SILVA. C. R. T. III Fórum Linguístico Literário da UFRPE – UAST: homenagem à Professora Denilda. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura**. Maceió: Edufal, 2012.

